

A RELAÇÃO ENTRE AS CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM E A SUA PRÁTICA

FALEIROS, Thalita Haber – UNIUBE – thalita_haber@yahoo.com.br

PIMENTA, Maria Alzira de Almeida – UNIUBE – maria.pimenta@uniube.br

E.T.: Didática e práticas de ensino / nº04.

Agência financiadora: FAPEMIG.

A temática escolhida como ponto de partida da pesquisa advém da perspectiva de que os sistemas de avaliação, bem como seus métodos e práticas, têm merecido atenção por parte dos pesquisadores, uma vez que denunciam “a extensão dos desníveis e dos desequilíbrios que se instalam no ensino brasileiro” (SOUSA, 1993, p. 13). Índices como SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) atestam que há ainda muito a se avançar para a que prática do ensino corresponda à efetiva aprendizagem.

Esses resultados fazem com que seja pertinente pesquisar-se sobre o que ocorre em sala de aula, naquilo que diz respeito à avaliação. A partir disso, surgiu a questão/problema: como as concepções dos professores sobre a avaliação influenciam sua prática avaliativa? O que se intenta buscar é a relação que se estabelece entre o que os professores pensam sobre a avaliação, que importância atribuem a ela, de que maneira ela está ligada ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos, com aquilo que, de fato, é realizado em sua prática educativa, quais tipos de avaliação são adotados, como é feita.

A questão foi pensada a partir da hipótese de que os tipos de avaliação adotados e praticados revelam uma preocupação exacerbada voltada para a promoção, isto é, para as notas, mesmo que estas não reflitam o percurso de construção e aquisição do conhecimento dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (LUCKESI, 2001). Ao longo dos últimos anos, o conhecimento sobre avaliação tem evoluído no sentido de uma perspectiva formativa, que privilegia o processo. Para tanto, as concepções sobre avaliação vêm sendo reformuladas na tentativa de se compreender o processo em que o aluno está envolvido,

abandonando-se a visão da avaliação como instrumento classificatório. Entretanto, em geral, na prática, essa perspectiva mantém-se no âmbito do discurso.

A questão de maior relevância da pesquisa diz respeito ao fato de que a forma como os professores concebem a avaliação influencia suas condutas e, conseqüentemente, a qualidade de todo o processo de ensino-aprendizagem adotado em sala de aula. Sabe-se também que aquilo que concebem tem a ver com a cultura em que se está inserido.

Por apresentar falhas, lacunas, dificuldades, a avaliação tornou-se um objeto de estudo importante, na medida em que é instrumento fundamental à prática educativa, pois “Ao avaliar os seus alunos, o professor está, também, avaliando seu próprio trabalho” (HAYDT, 2004, p. 7).

A escolha dessa temática se apoiou na concepção de que a avaliação é parte essencial do processo de ensino-aprendizagem, mas ao se estudar o fenômeno da atual prática de avaliação nas escolas, observa-se que há um caminho a ser percorrido rumo ao aprimoramento das técnicas existentes, que somente poderá ser trilhado se ocorrer também uma ampliação nas concepções educativas predominantes. Luckesi (2001, p. 29) afirma que

A avaliação da aprendizagem escolar no Brasil, hoje, tomada *in genere*, está a serviço de uma pedagogia dominante que, por sua vez, serve a um modelo social dominante, o qual, genericamente, pode ser identificado como modelo social *liberal conservador*, nascido da estratificação dos empreendimentos transformadores que culminaram na Revolução Francesa (LUCKESI, 2001, p. 29, grifos do autor).

Pensando assim, percebe-se a relação que há entre o que é praticado, desenvolvido junto aos alunos no que se refere à avaliação, com a ideologia dominante, socialmente construída e que desencadeia o que hoje se tem e se produz nas escolas.

Essa pesquisa pôde propiciar o levantamento e análise das formas de avaliação que os professores estão utilizando, relacionando com suas concepções sobre o tema. Essa análise foi feita de modo a se buscar aspectos comuns entre elas, os pontos de congruência, para que seja possível aproximar o olhar àquilo que é estrutural na nossa sociedade, e que influencia a prática avaliativa. Um aspecto contemplado pela pesquisa foi analisar até que ponto o método de ensino e a avaliação realmente estão voltados para o aprendizado dos alunos.

Objetivou-se analisar de que maneira as concepções que os professores têm sobre a avaliação influenciam suas práticas. Mais especificamente, intentou-se identificar quais as concepções que os professores têm acerca da avaliação; detectar de que maneira a avaliação é realizada no contexto educacional, isto é, descrever como o professor avalia o conhecimento de seus alunos na prática; e verificar a maneira como as concepções de avaliação se apresentam na forma como os professores avaliam. Portanto, a partir dessa perspectiva de alargamento dos conceitos e práticas de avaliação que a pesquisa foi desenvolvida.

Para tentar responder à questão proposta, foram realizadas uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da avaliação da aprendizagem e a evolução de seus conceitos; e uma pesquisa de campo, em que foi aplicada uma entrevista semi-estruturada com os professores, com o objetivo de coletar suas concepções sobre a avaliação, as implicações da mesma para a aprendizagem dos alunos e se ela atinge aquilo a que se propõe; bem como uma pesquisa documental, com as provas utilizadas pelos professores em um bimestre, com o intuito de analisar concretamente o que é proposto aos alunos em termos de avaliação.

A escolha de uma entrevista semi-estruturada pautou-se no pressuposto de que ela pode permitir um diálogo mais aberto, em que os aspectos individuais dos entrevistados pudessem ser abordados no momento da entrevista, já que permite colocações ou questões formuladas não previamente, mas no ato da entrevista. Sob esta perspectiva, Lüdke e André (1986, p. 34) afirmam que

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos.

O referencial teórico foi buscado de modo a privilegiar a interpretação das respostas colhidas na entrevista, bem como destacar

as críticas e a necessidade de que a investigação revele e denuncie as ideologias subjacentes ou ocultas, decifre os pressupostos implícitos em discursos, (...) ou expresse as contradições, os conflitos, os interesses antagônicos etc. (GAMBOA, 2007 p. 87).

Isso porque a proposta da pesquisa não é privilegiar uma ou outra metodologia de avaliação, mas sim propiciar uma discussão daquilo que diz respeito ao campo das atribuições de importância feitas pelos professores ao que concerne

ao processo avaliativo (suas concepções), bem como a maneira como é realizado esse processo e quais implicações, influências, relações com o processo de aprendizagem dos alunos (práticas).

A pesquisa documental atende a uma necessidade de agregar informações que ajudem na interpretação dos dados colhidos nas entrevistas, uma vez que estas nos deram uma perspectiva daquilo que é do âmbito do discurso do professor sobre suas concepções e práticas. Neste caso, a análise dos documentos avaliativos serviu como mais uma valiosa fonte de informações, já que “os documentos constituem fonte rica e estável de dados” (GIL, 1991, p. 52). De acordo com Lüdke e André (1986, p. 39) os documentos “Representam ainda uma fonte ‘natural’ de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto”.

A hipótese pensada anteriormente, de que os tipos de avaliação adotados e praticados estão a serviço da promoção (das notas), mesmo que isto não reflita o percurso de construção e aquisição do conhecimento por parte dos alunos se confirmou. Ficou evidenciado, por meio da análise das entrevistas e documental, que embora as escolas pesquisadas queiram melhorar sua forma de avaliar e considerar as diferentes formas de aprendizagem, o professor carrega para a prática sua formação, em geral, baseada em modelos tradicionais. Além disso, o sistema em que está inserido é mais determinante do que sua formação teórica.

Ficou evidenciado que a concepção e a prática que baseiam a avaliação como sinônimo de prova tornaram-se uma realidade nas escolas, seguindo um curso histórico ligado aos acontecimentos e desenvolvimento científico da cultura em que estamos inseridos.

Observou-se que, a cultura da disciplina que prevalece na sociedade, favorece o controle social em detrimento da autonomia dos indivíduos e esses aspectos refletem diretamente no que acontece em sala de aula. Nesse sentido, a avaliação é também uma forma de controle do professor sobre a turma.

Com a análise (parcial) dos dados colhidos nas entrevista, que serviram como fonte de informações sobre as concepções, assim como a análise documental dos instrumentos avaliativos (que evidenciam a prática), foi possível observar que, apesar de no discurso demonstrarem conhecimento das novas concepções de avaliação, na prática a inércia do sistema vigente se sobrepõe às suas possibilidades de incorporar essas concepções.

Além disso, nota-se que a prática avaliativa está impregnada por “modismos” teóricos, que nem sempre são utilizados de maneira adequada. Por exemplo, o uso de um texto para introduzir as questões em todas as provas é característico de uma apropriação do Construtivismo, que nem sempre é feita de forma adequada. Muitas vezes, os textos servem mais como pretexto do que como contexto (MORETTO, 2008).

A pesquisa serviu também para mostrar que os modos de avaliar precisam ser revistos e ampliados, tendo ficado evidente a dificuldade e o desconforto do professor frente a condições ainda insuficientes para realizar a tarefa da avaliação de maneira efetiva. Surge, então, a necessidade de se atentar, tanto professores, como aqueles que elaboram as políticas públicas, ao fato da avaliação estar sendo usada como instrumento de controle, de disciplina e muito pouco tem servido para a aprendizagem dos alunos. Tampouco sua função diagnóstica tem sido suficiente para melhorar os métodos. O que se percebe é que, mesmo não satisfeitos com o sistema de avaliação, os professores não possuem autonomia suficiente para modificar a situação perante do sistema.

REFERÊNCIAS:

GAMBOA, S. S. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias.** Chapecó: Argos, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2004.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 11. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MORETTO, V. P. **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas.** 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SOUSA, C. P. de (Org.). **Avaliação do rendimento escolar.** Campinas: Papyrus, 1993.